

FORMAÇÃO: DESAFIOS MORAIS 2

Coleção **MINISTÉRIOS**

- *Formação: desafios morais*, VV.AA.
- *Igreja e escândalos sexuais: por uma nova cultura formativa*, VV.AA.
- *Formação: desafios morais 2*, VV.AA.

José Antonio Trasferetti
Maria Inês de Castro Millen
Ronaldo Zacharias
(orgs.)

Formação: desafios morais 2



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial

Pe. Silvio Ribas

Coordenação de revisão

Tiago José Risi Leme

Preparação do original

Caio Pereira

Imagem da capa

iStock

Diagramação

Karine Pereira dos Santos

Impressão e acabamento

PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Formação: desafios morais 2 / organizado por José Antonio Trasferetti, Maria Inês de Castro Millen, Ronaldo Zacharias. – São Paulo: Paulus, 2020.

Coleção Ministérios.

ISBN 978-65-5562-115-0

1. Ministério - Igreja Católica 2. Moral cristã 3. Teologia pastoral 4. Vida espiritual
5. Vida religiosa 6. Vocação - Cristianismo I. Trasferetti, José Antonio II. Millen, Maria Inês de Castro III. Zacharias, Ronaldo

20-3510

CDD 253

CDU 25

Índice para catálogo sistemático:

1. Pastoral vocacional: Ministério formativo: Cristianismo



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos
e nossas promoções: **paulus.com.br/cadastro**
Televidas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2020

© PAULUS – 2020

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel. (011) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-115-0

APRESENTAÇÃO

Estamos vivendo um momento oportuno e de muita vitalidade da teologia moral. Ao contrário do que muitos dizem – que há uma crise na reflexão moral –, vemos um pulsar de interesse por temas como formação da consciência, liberdade, virtudes, pecado, direitos humanos, economia, política, ecologia, família, sexualidade; também vemos uma busca incessante por respostas para os novos desafios que se apresentam diante de uma cultura cada vez mais veloz, midiática, cibernética e espetacular.

De um lado, temos uma minuciosa produção teológica, conduzida por uma tradição de mais de dois milênios, de riquíssima reflexão sobre os “atos humanos” e os “atos do homem” e seu *status* moral diante da revelação. Do outro, o vislumbre dos avanços tecnológicos, do conhecimento da neurociência, das pesquisas sobre uma possível edição genética do que se quer ser, e o conflito da adequação dessas descobertas às normativas universais. Como não se entusiasmar diante deste cenário tão promissor, que nos situa num ponto privilegiado do conhecimento? Podemos adentrar sem medo a nossa consciência, perscrutar com mais atenção a voz de Deus, atender com mais eficácia sua vontade, atualizar com vigor seu desejo de ser reconhecido em todos os rostos e em todas as gerações e, ao mesmo tempo, avançar para novos conceitos e novas perspectivas, com a inteligência divina da qual fomos dotados, para construir um mundo mais justo e solidário.

A teologia moral, portanto, tem a missão de aperfeiçoar os instrumentos que colaboram para que todo fiel cristão possa discernir com maturidade esse caminho histórico do

qual faz parte, impulsionado pela fé e movido pela reta razão, tendo em vista o seu destino: o Reino definitivo.

Aos bispos, provinciais, formadores e formadoras em seminários, casas religiosas e comunidades de vida, e às lideranças paroquiais cabe o compromisso de abrir-se para um olhar mais amplo e acreditar em um novo tempo de formação, com novos métodos. A moralidade imposta no medo, na invasão da consciência e na base da obediência cega está com os dias contados; não tem mais eficácia para garantir os valores cristãos em vista da “salvação das almas”. Ao contrário, esses métodos só são utilizados por grupos que se dizem cristãos, mas têm como único objetivo não tanto fazer a vontade de Deus, mas os desejos do mercado, usando de proselitismo mercenário.

Vivemos uma mudança de época, em que todas as grandes instituições se apresentam instáveis e com sinais de estruturas ultrapassadas ou enfraquecidas. Não estão respondendo mais às reais necessidades de um mundo que avançou mais rápido do que ele mesmo era capaz de imaginar. Com isso, as pessoas mergulharam em si mesmas, procurando respostas, pois não acreditaram nas respostas externas. Assim, cresce a cultura individualista-hedonista-midiática que investe na fama personalizada, no valor exclusivo e nas relações fugazes; enfim, trata-se de uma cultura que quer aproveitar a vida ao máximo, com o mínimo esforço, no menor tempo possível e com o maior prazer alcançável. Nós, cristãos, não temos uma redoma que nos proteja dessa influência; por isso, temos necessidade de investir na formação da consciência reta e na formação personalizada.

Essas tendências atuais devem nos mobilizar para construirmos um tempo favorável de discernimento pessoal e comunitário. Se a reação a um mundo estruturado, definido e concretado é a liquidez, o descartável, a fuga será

para dentro, intimista, individual, onde ainda é possível esconder-se de certa invasão de privacidade.

Assim, em vez de ficarmos assistindo a uma geração inteira de jovens perdendo sentido e tirando suas vidas, está mais do que na hora de recuperarmos a riquíssima teologia moral que foi construída, ao longo desses séculos, que nos ajuda a encontrar Deus também dentro de nós, pois sabemos que o nosso coração tem sede dele e não repousará enquanto não o encontrar. No fundo, nossa busca é sempre a mesma, seja quando somos interpelados pela realidade na qual estamos inseridos, seja quando queremos responder com autonomia e coerência a uma determinada vocação. Mas, como temos a tendência a demonizar o mundo e tudo que ele pode expressar de perigo para a “salvação da alma”, trancafiemos o humano no cumprimento do preceito e da norma, anulando sua capacidade de discernir; o homem foi feito para o sábado ou o sábado foi feito para o homem (Mc 2,27)? O mundo atual precisa de homens e mulheres que sejam capazes de testemunhar e apontar para uma espiritualidade que preencha o sentido da vida, do ser humano por inteiro, de uma moral integral, e não uma espiritualidade retórica, bonita no discurso, na roupagem, mas vazia na vida.

A Igreja, mestra em humanidade, tem um repertório capaz de contemplar o macro do universo criado e tocar o micro da explosão de vida no momento da concepção, sempre em busca de explicar algo do que somos no outro e do que o outro é em nós, e de nossa interdependência solidária.

Aproveitar esse tempo favorável é investir numa formação que privilegia a moralidade da transparência do próprio homem, refletindo dentro de si mesmo a perspectiva do sal da terra e da luz do mundo (Mt 5,13-16). Acredito que é preciso investir em uma teologia moral que seja plenamente sintonizada com uma espiritualidade que atualiza

a encarnação-missão-paixão-morte-ressurreição de Jesus, que não deixa nada de lado na história e não exclui ninguém do plano de salvação. Trata-se da transparência do próprio Jesus, que quis revelar ao homem o rosto humano de Deus.

Não podemos temer as mudanças de época, os avanços científicos e as novas perspectivas de compreensão do homem acerca de si mesmo. O processo formativo não pode se esconder ou fugir da realidade que espera nosso enfrentamento e nosso testemunho. O Espírito Santo nos foi dado para garantir a continuidade da atualização do projeto de Deus de geração em geração. Precisamos amar nossa geração, compreender o momento atual, com suas virtudes e defeitos, acolher o plano de Deus e avançar para águas mais profundas, que nos ajudem a nos aproximar do que Deus desejou construir conosco neste período histórico que nos foi confiado.

Nosso papel é oferecer instrumentos, e não decidir como será; é iluminar perspectivas, e não definir um caminho; é criar condições de discernimento, e não subestimar a capacidade de escolha. Este é um processo mais difícil, mais exigente, que não apela para o constrangimento nem para o escrúpulo, mas para uma liberdade interior e uma transparência que dignificam e libertam o homem de ser refém de si mesmo ou escravo de suas próprias estruturas. É a chave da maturidade para qualquer vocação.

O papa Francisco tem nos apontado para essa dinâmica: experiência da misericórdia de Deus; conversão pessoal e pastoral; saída em missão; solidariedade; ecologia integral. Essa é a oportunidade de fazermos valer a proposta do Concílio Vaticano II, de que a teologia moral dê frutos na caridade para a vida do mundo.¹

¹ DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). *Optatam Totius*. Decreto sobre a formação sacerdotal, n. 16, 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2011, p. 314.

A proposta de uma Igreja em saída, anunciada na *Evangelii gaudium*, apresenta um olhar sincero, destemido e corajoso para a realidade que nos circunda, e precisa ser encarada, conhecida e enfrentada por formadores e vocacionados. A dinâmica do olhar missionário do papa Francisco é de uma Igreja em que todos os cristãos são chamados a sair de uma realidade estagnada, que acredita ter todas as respostas prontas e estabelecidas, para olhar ao redor: “cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar este chamado: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”.² Ao sair de si mesmo, o cristão amplia o seu olhar para outras realidades; possibilita não um único ponto de vista, mas uma diversidade de abrangência. Pode-se dizer, com o papa, que o conjunto da realidade encontrada se apresenta não como uma esfera, mas como um poliedro: “o modelo não é a esfera, pois não é superior e, nela, cada ponto é equidistante do centro, não havendo diferença entre um ponto e o outro. O modelo é o poliedro, que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm sua originalidade”.³

Na visão poliédrica, temos “lentes convexas”, que criam raios paralelos de luz convergente, e “lentes côncavas”, que criam raios paralelos de luz divergente. Com isso, queremos dizer que o campo temático desvelado pela ótica do papa abrange tanto os temas persistentes da moral tradicional quanto os temas emergentes da sociedade atual. Os primeiros exigem contínuo aprofundamento e maior fundamentação, assim como estão sempre abertos para atualizar

² PAPA FRANCISCO. *Evangelii gaudium – Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013, n. 20.

³ PAPA FRANCISCO. *Evangelii gaudium* 236.

seu campo de visão, dialogando com as outras áreas do conhecimento. Os segundos, abrindo-se para redimensionar sua área de abrangência com temas emergentes de caráter universal e particular, desafiam qualquer tentativa de consenso e, portanto, abrem-se a um “diálogo sem reservas”.⁴

Desse modo, o enfoque do poliedro apresenta um lado dinâmico e criativo da teologia moral proposta pelo papa, que incorpora a todos, respeita o diferente e foca no bem comum, sem exclusão.

Enfim, depois da competente produção e da ampla aceitação do livro *Formação: desafios morais*, agora contamos com mais esta obra – *Formação: desafios morais 2* –, que vem contribuir significativamente para essa visão poliédrica, dinâmica e atual dos temas morais e das diferentes abordagens que respeitam o diálogo e a prudência pastoral necessários para um processo de formação da consciência.

Quero manifestar minha alegria e admiração pela coragem dos organizadores e dos autores desta obra, pela abordagem de temas tão desafiantes que vêm colaborar com a Igreja no Brasil, para uma maturidade cristã de todos os que estão em processo de discernimento vocacional. Esta é uma prova concreta de que podemos unir forças e enfrentar, juntos, os desafios morais à luz da Sagrada Escritura, da Tradição, da doutrina e das ciências, num ato humilde de abrir focos de visão e ampliar os horizontes da fé.

Dom Ricardo Hoepers

Bispo da Diocese do Rio Grande-RS

⁴ PAPA FRANCISCO. *Veritatis gaudium – Constituição Apostólica sobre as universidades e as faculdades eclesiais*. Proêmio, n. 4b. São Paulo: Paulinas, 2018.